

## **ACHEGAS PARA A LENDA DO CABOCLO-D'ÁGUA**

**José Antônio de Ávila Sacramento**

Barra Longa é uma localidade que fica na antiga região mineira do Carmo e Ribeirão do Ouro Preto, lá pelas bandas do rio Gualacho (ou Gualaxo) do Norte; o local já foi distrito dos municípios de Mariana e Ponte Nova<sup>1</sup>. Por força do Decreto-lei nº 148, de 1938, o distrito de Barra Longa passou à categoria de Município. Foi em Barra Longa que, durante o mês de junho de 2011, a mídia nacional veiculou supostas aparições de um ser mitológico. Segundo os relatos, animais desapareceram misteriosamente e até mesmo uma pessoa teria sido vítima fatal de uma criatura identificada como sendo o Caboclo-d'Água. Na ocasião, ofereceram uma boa recompensa para quem desse fim ao abominável ser ou até mesmo apresentasse uma autêntica fotografia dele. Vi que um professor ficou dias instalado sobre os galhos de uma árvore, na beira do rio, com sua objetiva preparada para capturar a valiosa imagem e que expedições de caça foram organizadas para sequestrar a criatura; mas, pelo que soube, tudo foi em vão... O máximo que conseguiram a respeito do assunto foi fazer um retrato falado do Caboclo, desenho que na opinião de quem entende da matéria ficou mais parecido com o de um “chupa-cabras”.

Desde pequeno, quando vivi lá na Fazenda da Congonha, em São Miguel do Cajuru, eu já ouvia falar algo sobre tal Caboclo-d'Água. Um fazendeiro da vizinhança, Geraldo Aleixo de Santana, que nasceu na localidade do Engenho de Serra, contava que os barqueiros daquele lugar, quando se aventuravam no “mare d'água” da represa, sempre levavam um facão ou uma machadinha no assoalho das canoas, prevendo que se o Caboclo-d'Água resolvesse meter a sua mão cabeluda para virar a embarcação, o único jeito de o remeiro safar-se da situação seria repentinamente decepar-lhe a mão, desferindo-lhe um vigoroso golpe contra a borda da canoa. Eu, ainda um meninote, ficava muito impressionado e de tanto medo, jurava que nunca iria andar por aqueles lados...

Saibam que a lenda do Caboclo-d'Água não é um assunto tão insignificante. O folclorista Luís da Câmara Cascudo já estudou o assunto, tendo dedicado ao mito um substancial verbete no seu famoso Dicionário do Folclore Brasileiro: é “criatura fantástica que vive no Rio São Francisco, tendo o domínio sobre as águas e os peixes. Favorece tudo aos amigos, 'compadres', e persegue ferozmente aos pescadores e barranqueiros, virando canoas, erguendo ondas, derrubando as barreiras, afugentando pescarias. (...) Seu corpo é monstruoso, com as proporções de gigante descomunal.”. Há relatos de que a criatura habita nos rochedos do rio, onde há uma gruta de ouro, e que ela tem uma pele tão dura que nenhuma bala de arma de fogo é capaz de penetrar-lhe. No entanto, dizem também que quando

---

<sup>1</sup> O Rio Gualacho do Norte é um subafluente do Rio Doce. Nasce na Serra do Espinhaço, Município de Ouro Preto e atinge o município de Mariana. Banha o Município de Barra Longa e desagua no Rio do Carmo (este desagua no Rio Doce).

alguém quiser agradar o “monstro”, basta oferecer para ele um pedaço de fumo de rolo, coisa que ele muito aprecia. Também já ouvi dizer que aquelas carrancas que os barqueiros colocam nas proas dos barcos que navegam pelo rio São Francisco afugentam o Caboclo-d’Água. A criatura tem atitudes bastante ecológicas: quando não agrada das ações predatórias de pescadores, das de pessoas que judiam dos animais ou das ações dos que destroem as matas ciliares, ela aparece repentinamente, não se sabe vinda de onde, e cuida de afugentar os peixes e espantar os devastadores da natureza.

Mais recentemente, através da obra “Visagem” (2005), escrita por um eminente literato que vive no alto da Villa Marchetti e bem ilustrada pelo seu neto Luca Ramalho Rizzuti, pude conhecer outra faceta de um Caboclo-d’Água que habita a “barra do rio Aiuruoca, um dos afluentes do Grande”; o escritor narrou que quando ele e o seu neto “aproximavam mais um pouco da praia, viu um vulto andando na areia. Reparou que ele viu o barco ou escutou o barulho do motor, e então, parou alerta na beira do rio, parecendo que estava olhando em direção deles e ainda pôs a mão na testa como pala de boné para dissipar o excesso de claridade” O autor “não falou nada com o neto, mas notou que ele também já tinha visto o tal vulto...”; através de um binóculo, pode perceber que a criatura “era mais ou menos da altura dele, talvez um pouco mais alto, inteiramente cabeludo como um macaco peludo. (...) Quando o barco estava a uns 50 metros da praia, a coisa pulou dentro do rio, com estilo de mergulhador experiente, o que afastou definitivamente a hipótese de ser um macaco, além do que, de binóculo, deu para ver com clareza as feições dele: dentes grandes amarelados numa boca entreaberta que parecia sorrir, nariz pequeno e afilado, olhos fundos de caveira e todo peludo, cor de saco de aniagem, meio gente, meio bicho”. O escritor conta que “ficou esperando que ele reaparecesse para respirar, mas nada, sumiu de vez. Então, bordejou o remanso e rumou direto para a praia, desligou o motor, baixou à terra e amarrou o barco num toco. Verificou os rastros, que vinham duma matinha ciliar, estampados numa parte argilosa e úmida, até os que estavam perfeitamente timbrados na areia branca e fina da praia: cinco dedos, como os nossos, e devia calçar — modo de dizer, é claro, — de 45 para cima.”. O escritor registrou que ainda tem a intenção de um dia “voltar àquela praia, — levando fumo de rolo e a máquina de retrato”, pois “pode ser que outro caboclo-d’água ou aquele mesmo esteja por lá”. Aquela expedição à “Morada dos Papagaios” acabou fornecendo os legítimos argumentos para que uma das filhas do escritor, Clarissa Moebus Ramalho, provocasse a edição de um vídeo<sup>2</sup> cujas ilustrações e textos originais tiveram o tratamento artístico, a narração e a trilha de Flávia Ventura com a participação de uma mui meiga menininha, ambas lá do Rio de Janeiro!

Dou fé que em outra ocasião, 04 de junho de 2010, quando eu estava na região da Estação Ferroviária de Aureliano Mourão<sup>3</sup> na companhia de três amigos, aboletamos num banco de areia denominado Prainha, aonde confluem as águas

---

<sup>2</sup> Assista ao vídeo em: [http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver\\_video&id\\_video=10&id=2](http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_video&id_video=10&id=2)

<sup>3</sup> Saiba mais em: [http://www.patriamineira.com.br/ver\\_pdf.php?id\\_noticia=783&id=3](http://www.patriamineira.com.br/ver_pdf.php?id_noticia=783&id=3)

do Rio Pirapetinga com as do Rio das Mortes, a poucos metros de um ferrugento pontilhão ferroviário abandonado. Naquele local encontramos com um nativo de nome Camilo; enquanto ele calafetava o seu barco com betume, assegurou-nos que o Caboclo-d'Água ainda costuma rondar por aquelas paragens, dizendo-nos com voz temerosa que “ele mesmo ainda não o viu, mas que o povo conta muitos casos dele”. Camilo contou-nos que “certa ocasião, quando ele estava pescando, uma coisa muito estranha cortou a linha do anzol, com um solavanco e de tal jeito que ele nunca tinha visto antes”; ele nos disse que “arreprou e saiu correndo com a certeza absoluta de ser a tal criatura”, nunca mais voltando para pescar naquele ponto do rio. Depois fiquei pensando: será que o tal Camilo, que pareceu-me ter desaparecido assim meio que de repente, não seria o próprio Caboclo-d'Água travestido de gente?

Na noite de 20 de novembro de 2010, na companhia de dois amigos, este articulista partiu para uma expedição pelas imediações da Estação Ferroviária de “Nuvem Branca”<sup>4</sup>. Quando apeamos naquelas paragens a lua cheia iluminava a Estação e jogava o seu reflexo de prata sobre as águas do Rio das Mortes. Naquela incursão noturna perambulamos pelas proximidades e por sobre as pontes antiga e nova de Santa Rita do Rio Abaixo, onde, numa corredeira do rio, não sei como, pudemos sentir que ali habitava um Caboclo-d'Água... Esquivo como sempre, ele não apareceu, mas nos deu muitas evidências da sua existência! Também, como poderia aparecer se havia um cachorro errante que estava na Estação e que se mostrava sempre bem disposto a nos defender dele? O cão, assim que percebia algo estranho no meio do mato, fazia investidas velozes e furiosas lá pelas bandas d'umas mangueiras da beirada do rio; quando ele espantava a criatura, voltava a nos proteger, ficando estirado por perto. Não chegamos a visualizar aquele mítico ser, mas que ele existe, ah, isso existe! Só que ninguém o vê facilmente... Mas se alguém disser que viu o Caboclo-d'Água que mora lá perto daquela ponte, certamente que não estará mentindo. Naquele local não é raro perceber algumas pessoas, pescadores em sua maioria, atirando pedaços de fumo de rolo no leito do rio como oferendas para a criatura, com o objetivo de acalmá-la ou cair nas graças dela. Conta-se que nas horas mortas a criatura anfíbia chega até a sair do leito do rio, mas não se aventura ir muito longe dele, já tendo sido vista se afastar no máximo até na plataforma da Estação de Ibitutinga, dando cambalhotas, certamente à procura de um trem de ferro que costumava passar pelo local...

Somando-se a midiática exposição da criatura de Barra Longa com os relatos de Geraldo Aleixo de Santana, de Câmara Cascudo, de Oyama de Alencar Ramalho, de Camilo e as outras experiências vividas na divisa de Santa Rita do Rio Abaixo e São João del-Rei, creio ser possível concluir que o Caboclo-d'Água não é mito exclusivo do “Nilo Brasileiro”, como acreditava Câmara Cascudo.

Diante destes registros, acho que é perfeitamente possível pugnar pela existência de tal criatura nos rios e represas da Região das Vertentes e pelos arredores dela.

---

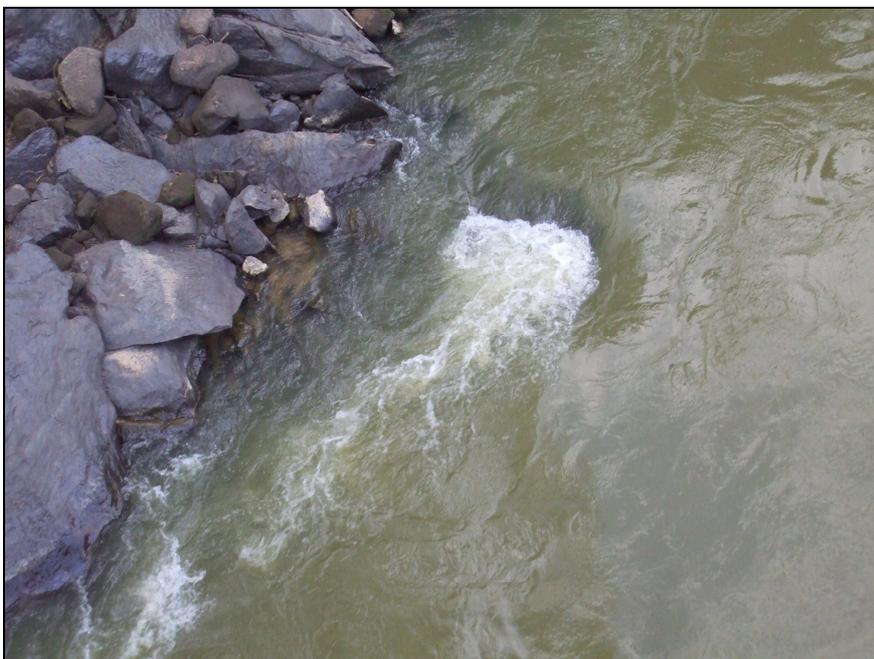
<sup>4</sup> Saiba mais em: [http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver\\_noticia&id\\_noticia=1321&id=3](http://www.patriamineira.com.br/index.php?secao=ver_noticia&id_noticia=1321&id=3)

*José Antônio de Ávila Sacramento*  
*www.patriamineira.com.br*

Sancho Pança, fiel escudeiro do cavaleiro da triste figura, (in “El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha”, de Miguel de Cervantes) já dissera: “Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay”. Ou não?



Aspectos do Rio das Mortes na Região de Ibitutinga, possível moradia de um Caboclo-d'Água. Fotografias de José Antônio de Ávila Sacramento, 07/07/ 2011.



*Texto publicado originalmente no **Jornal de Minas**  
São João del-Rei - MG, ano XI, ed. 159, de 01 a 07 de julho de 2011*

*São João del-Rei - Minas Gerais - Brasil*